

## **A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA DOS PROFESSORES DE ARTES: DADOS DO OBSERVATÓRIO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ARTES - ESTUDOS COMPARADOS BRASIL E ARGENTINA**

Thalita Emanuelle de Souza <sup>1</sup>  
Janaína Enck <sup>2</sup>  
Jéssica Maria Policarpo <sup>3</sup>  
Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva <sup>4</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo tem como intuito analisar, a partir do método histórico-dialético, a organização dos professores de Artes Visuais da educação básica na construção da luta em defesa dos serviços públicos e de condições de trabalho e formação, seja ela, em partidos, ou sindicatos, ou na organização coletiva dos docentes em associações. Para tal, dispomos de dados coletados pelo Observatório da Formação de Professores no âmbito do Ensino de Arte: estudos comparados entre Brasil e Argentina – (OFPEA/BRARG) que trazem informações acerca do engajamento de professores que ensinam arte em todas as regiões brasileiras. Os dados foram analisados com base em Saviani (2012) que em sua obra enfatiza a importância da organização coletiva docente na luta de classes. Assim, a organização da categoria em defesa do ensino de artes pautado na Pedagogia Histórico-Crítica, soma-se a busca de uma educação pública e de qualidade para a classe trabalhadora, almejando vias para a transformação social, constituindo a educação como um ato político.

**Palavras-chave:** Luta de classes; Organização política; Pedagogia Histórico-crítica, Observatório de Formação de Professores, Professores de Artes.

### **INTRODUÇÃO**

O artigo que segue resulta de discussões tecidas pelas autoras originadas no grupo de pesquisa Arte e Formação nos Processos Políticos Contemporâneos<sup>5</sup> e, concomitantemente, integrantes do Observatório da Formação de Professores no âmbito do Ensino de Arte: estudos comparados entre Brasil e Argentina – (OFPEA/BRARG), que desde 2011 dedica-se a pesquisar as condições de trabalho, formação inicial e continuada e outros aspectos que caracterizam quem são os professores de artes no Brasil e seus desdobramentos para a educação básica.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, tha.li.ta1712@gmail.com;

<sup>2</sup> Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, janainaenck@gmail.com;

<sup>3</sup> Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, jehpolicarpo5@gmail.com;

<sup>4</sup> Professor orientador: Professora Doutora Titular da Universidade do Estado de Santa Catarina, cristinaudesc@gmail.com.

<sup>5</sup> Grupo coordenado por Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva.

Licenciados, licenciandos e pesquisadores de licenciaturas de todas as áreas vivenciaram nos últimos anos tempos de obscurantismo beligerante (Duarte, Mazzeo e Duarte, 2021) sofrendo com os desmontes do serviço público, com chacinas dentro de escolas, *fake news* descredibilizando o trabalho idôneo das universidades, desvalorização do papel da escola enquanto espaço de conhecimento, caça às bruxas ideológicos, retiradas e negação de direitos elementares e um frequente avanço dos produtos da indústria cultural consumidos como se fossem arte. Partindo da premissa marxiana de que a história da humanidade é a história da luta de classes (MARX E ENGELS, 2006), a organização coletiva dos trabalhadores esteve (e segue) na mira dos governos autoritários e antidemocráticos.

De acordo com Saviani e Duarte (2021) os docentes podem “(...) por meio dos elementos de conjuntura, explicitar as contradições da estrutura, acelerar a marcha da história, integrando-se na luta de classes do proletariado e contribuindo, assim, para a transformação estrutural da sociedade.” (Saviani e Duarte, 2021, p. 107), no entanto as condições de trabalho alienantes exercem uma força contrária a luta dos trabalhadores da educação, das artes e da cultura, áreas especialmente abaladas no governo beligerante de Bolsonaro.

Como professoras, entendemos que nos cabe somar e construir as lutas coletivas para que se escancarem as condições sociais impostas pelo capitalismo. A partir de suas múltiplas determinações, entendemos como trabalhadores brasileiros, enfrentam as mazelas das condições de trabalho, e nesse artigo defendemos um posicionamento na defesa da luta das mulheres, antirracista e em defesa da vida. Igualmente, constatamos que os professores brasileiros, são em sua maioria professoras e como mulheres dentro da realidade social, também brasileira, entendemos a priori que desenvolvem várias funções na sociedade, mas no entanto sobre o domínio capitalista sobrevivem e se multiplicam as práticas exploratórias e machistas.

Embora o atual estágio de crise do capitalismo tenha atingido novo ápice nas últimas décadas, somada a ascensão de governos alinhados à ideias fascistas pelo mundo e, que a pandemia de Covid 19 tenha acelerado e evidenciado vários processos, esse não é um fenômeno novo e nem as tentativas de desmobilização da classe é algo recente. Ancoradas em autores do materialismo histórico dialético como Demerval Saviani (2012, 2015) e Newton Duarte (2011) e em pesquisas sobre formação e condições de trabalho de professores de arte como Fonseca da Silva, Oliveira e Perini (2021) e Fonseca da Silva e Penzo (2022), corroboramos com o entendimento de que assim como não há conhecimento neutro, também não há espaço para a neutralidade dos professores ante a conjuntura já exposta.

Assim organizamos nossa exposição em dois momentos: primeiramente abordaremos aspectos relacionados ao que Saviani (2012) categoriza como resistência ativa e no segundo momento, apresentaremos as contribuições de aproximações entre o ensino de arte e a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC) como proposição contra-hegemônica a partir dos dados coletados pelo Observatório.

### **1. É Preciso Muitos Galos Para Tecer Um Amanhã: Reflexões A Partir Da Pedagogia Histórico-Crítica Como Resistência**

Tendo em vista que a escola não é e não deve ser um local visto como sagrado, nem como entidade isolada, mas sim, algo construído pelos sujeitos da educação em sua totalidade, partimos do pressuposto de que a prática educativa acontece no coletivo. Portanto, neste texto reconhecemos a escola dentro da sua prática social envolvendo a realidade sócio-histórica e todos os seus sujeitos: professores, estudantes, equipe e comunidade. Os galos que sozinhos não tecem as manhãs do poema de João Cabral de Melo Neto, a quem o subtítulo faz referência, são trazidos para ilustrar milhões de brasileiros que foram às ruas em defesa do serviço público, da ciência, da liberdade de cátedra e da vida<sup>6</sup>.

Deste modo faz-se necessário destacar as contribuições de Saviani (1989) no sentido de compreender os objetivos da educação brasileira, destacando-se os seguintes aspectos: "1. Educação para a subsistência; 2. Educação para a libertação; Educação para a comunicação; e Educação para a transformação. Tendo claro os objetivos em que chegar a luta dos professores se dá para garantir as condições necessárias para desenvolver um modelo de escola que nos permita desenvolver os objetivos da educação e particularmente, o trabalho criador na disciplina de artes nas escolas.

Tendo isso claro, aos professores cabe à luta por condições trabalhistas que garantam uma educação de qualidade a classe trabalhadora. Entre pares devemos entender a educação enquanto luta social, em busca da ruptura com as divisões de classe. Desse lugar, corroboramos com Saviani e reafirmamos:

---

<sup>6</sup> A criação do Comitê Fora Bolsonaro, organismo de frente única da classe que reuniu além do Fórum das Centrais, as Frentes Povo Sem Medo e Brasil Popular, a Coalizão Negra por Direitos, o Fórum Sindical e Popular por Direitos, a UNE, os partidos políticos da classe e diversas entidades dos movimentos populares destacaram-se nessa luta (ESQUERDAONLINE, 2023). Na mesma frente, a greve pela vida, organizada e construída pelo Sindicato dos Trabalhadores Municipários (SINTRASEM), no início de 2021 onde após 67 dias de paralisação, os trabalhadores da educação garantiram o retorno às atividades presenciais após a primeira dose da vacina da COVID-19.

A sociedade capitalista é, portanto, dividida em classes com interesses antagônicos. Desse caráter da estrutura social capitalista, decorre que o papel da educação escolar será um se ela for posta a serviço do desenvolvimento do capital, ou seja, a serviço dos interesses da classe dominante; e outro se ela se posicionar a favor dos interesses dos trabalhadores. Não há possibilidade de uma terceira posição. **A neutralidade é impossível.** É isso o que se quer dizer quando se afirma que a educação é um ato político. (Saviani e Duarte, p. 106, 2021)

A escola, enquanto elemento da superestrutura da sociedade capitalista, é um terreno de disputas ideológicas. A partir dos anos 1980, com a retomada do lema “aprender a aprender” (Duarte, 2011) políticas neoliberais, que incorporam novos vocabulários como: protagonismo, resiliência, empreendedorismo, projeto de vida, *gameficações e plataformizações*<sup>7</sup>, que buscam adaptar a escola às novas demandas utilitaristas da sociedade, distanciam dela o papel fundamental de transmissão dos conhecimentos elaborados historicamente.

Estamos vendo o dinheiro público sendo direcionado a iniciativa privada e organismos multilaterais, com ecos de discurso fortalecido pela mídia hegemônica, no qual, a escola é desnecessária, os sindicatos são desmoralizados, o papel do professor é descredibilizado e a mão do capital abraça a escola como um mercado.

Entendemos, pois, que sendo trabalhadoras da educação, cabe a nós da categoria docente, integrar a luta de classes proletária em duas vertentes: I. o trabalho pedagógico pautado na perspectiva contra-hegemônica da Pedagogia Histórico-crítica, que tem como tarefa levar aos estudantes o conhecimento acumulado e desenvolvido historicamente pelo homem. II. saindo do chão da sala de aula, indo às ruas, desmistificando o discurso estatal e mostrando que “a nossa luta é todo dia e educação não é mercadoria”<sup>8</sup>. Sobre essa construção de consciência:

a luta de classes é intrínseca às relações sócio-capitalistas, e o processo de conhecimento e os valores e relações que se estabelecem na escola inscrevem-se nessa luta. Certamente a passagem de classe em si para a consciência de classe dos explorados tem no conhecimento científico crítico que se desenvolve na escola uma mediação fundamental e imprescindível. (Saviani e Duarte, 2012)

Para que a luta seja consistente ela deve partir da consciência coletiva dentro e sobre a prática social, para tal, vê-se necessário entender os engenhos da sociedade capitalista.

<sup>7</sup> Recomendamos para aprofundamento do conceito o material desenvolvido pelo Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública no Paraná (APP-Sindicato), disponível em <<https://appsindicato.org.br/wp-content/uploads/2023/07/Plataformizacao-da-Educacao-Um-debate-necessario-APP-PR-Final-Com-anexos-01-07-2023.pdf>>. Acesso em 20/07/2023.

<sup>8</sup> Palavra de ordem do SINTRASEM durante as manifestações em defesa do serviço público e pelo fim das OS's

Defendemos, então, a produção de condições para que os professores avancem no processo de consciência de classe e, por assim ser, como categoria se organizem, em diferentes possibilidades: partidos, associações e/ou sindicatos. Para que, como classe organizada, com décadas de luta, a educação contribua com a luta dos trabalhadores e fomente a transformação social, elabore discursos na práxis, conceba a educação dentro da realidade concreta e escancare as mazelas promovidas pelo capitalismo, partindo da educação e da elaboração da consciência social:

[...] esse é o âmbito de incidência do trabalho educativo que, consequentemente, deverá estar ancorado numa sólida teoria pedagógica que elabore e sistematize os elementos garantidores dos três aspectos mencionados: aguda consciência da realidade, fundamentação teórica coerente e instrumentalização técnica eficaz. (Saviani e Duarte, 2021, p. 134)

Ao agudizar as contradições do sistema capitalista, trazendo o protagonismo aos sujeitos presentes no espaço escolar, a escola passa a se constituir enquanto espaço de transformação social. Reafirmamos o ato do ensino na perspectiva de Saviani (2013) como um ato direto e intencional, capaz de proporcionar aos sujeitos envolvidos a possibilidade de se apropriar da realidade que os cerca, não como um mero dispositivo de adaptação e sim como potencial para transformação social, sobretudo a lógica exploradora e excludente presente nas estruturas capitalistas.

## **2. Não Atiça o formigueiro<sup>9</sup>: As professoras e a luta de classe (dados e o observatório)**

Compreendendo a necessidade de explicitar as contradições presentes no espaço escolar, esta seção apresenta os dados do *Observatório de Formação de Professores no Âmbito do Ensino de Arte: estudos comparados entre Brasil e Argentina* (OFPEA/BRARG). Este projeto que articula pesquisadores acadêmicos da América Latina, sobretudo do Brasil e Argentina, visa entender a formação de professores de Artes Visuais em âmbito nacional e na América Latina como é colocado no *site* do Observatório “apresenta como objeto de estudo os mais diversos aspectos constituintes da conjuntura de formação docente em Artes Visuais, com ênfase nas licenciaturas. (OBSERVATÓRIO FORMAÇÃO NA AMÉRICA LATINA, [2023], *on-line*, grifos originais).

Dentre as possibilidades investigativas, o foco deste projeto é ampliar a discussão sobre a prática docente em Artes Visuais, evidenciar as principais dificuldades em relação a

---

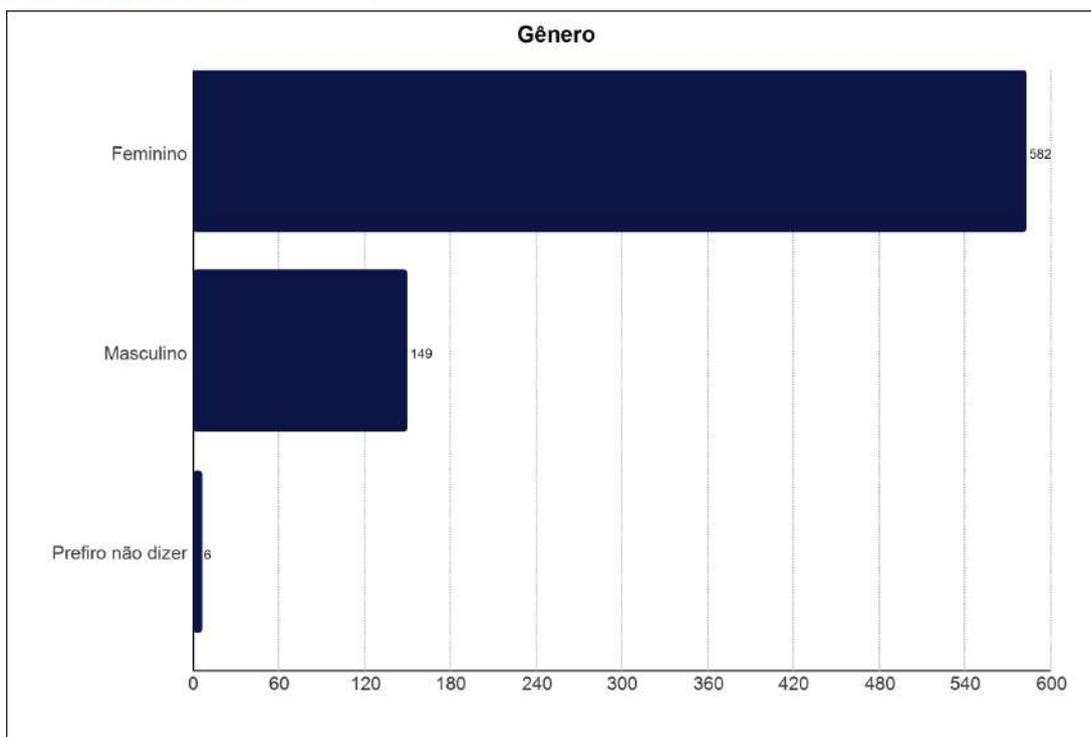
<sup>9</sup> Palavras de ordem utilizados em movimentos secundaristas e sindicalistas nas ruas.

prática pedagógica no ensino de Artes, problematizar aspectos da atuação docente que sejam de interesse do professor da educação básica e formular questionamentos sobre as condições de trabalho do professor da educação básica. Neste sentido, o Observatório realizou um questionário por meio do Google *Forms*, para 737 professores com perguntas relacionadas a sua prática docente.

Se somos uma classe organizada, se somos uma classe numerosa, se somos uma classe “pensante” e consciente, então, porque nem sempre conseguimos nos posicionar e disputar esse território com o capital, por que não conseguimos desestabilizar o poder? Não diriam comumente que temos a faca e o queijo na mão?

Pedimos licença neste momento para nos apresentarmos como pesquisadoras, educadoras e juntamente com isso todas nossas outras funções. Somos mulheres trabalhadoras, mães, cuidadoras, professoras, pesquisadoras, artistas, atuantes em diferentes instituições associativas e partidos políticos, preocupadas com as causas sociais e com o desenvolvimento da formação para atuação nas lutas anticapitalistas. Apresentamos abaixo um gráfico que demonstra o caráter feminino da carreira docente para discutir estas especificidades. Percebemos que quando nos colocamos como mulheres, brasileiras, de classe definida, temos jornadas múltiplas o que pode justificar muitas vezes a dificuldade de organização política.

Gráfico 1: Recorte de gênero que afeta a organização popular



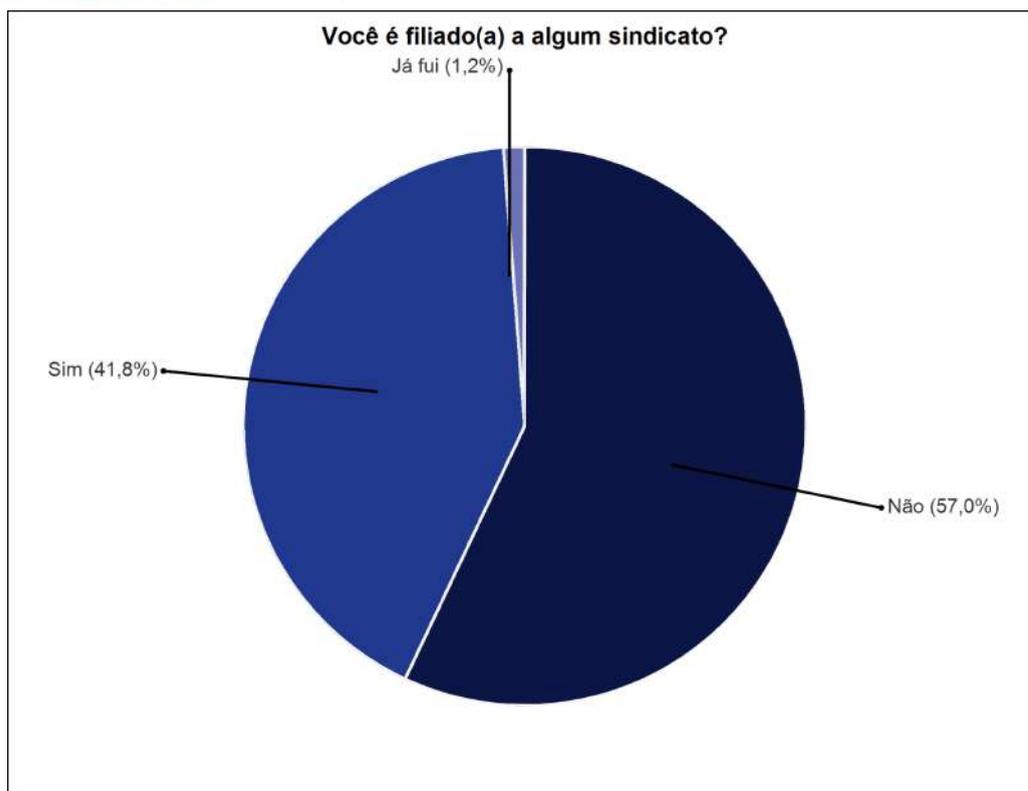
Fonte: *Observatório da Formação de Professores no Âmbito do Ensino de Arte*

Delineamos, pois, que em uma organização feminina dentro de uma sociedade patriarcal, nós não lidamos apenas com a carreira, apenas com a luta, são essas nossas múltiplas determinações que nos definem e por vezes nos freia. Por isso, defendemos a importância das organizações políticas na organização escolar objetivando a transformação deste cenário.

Também devemos ressaltar que o papel do estado é desmobilizar a classe trabalhadora e a luta dentro da sociedade de classes. Para isso são usados muitos mecanismos, como: desconto em folha dos dias de paralisação do funcionalismo, negação do direito à greve e à reposição através de liminares, opressão moral e física e desmobilização frente aos sindicatos. “Que horror! exclamarão os espíritos delicados. Não é a educação um trabalho que dirige às consciências, que prima pelo convencimento evitando todo tipo de violência? Como, então, admitir que a educação participa da luta de classes?” (Saviani e Duarte, 2021, p.109)

Delimitamos a diferença de gênero enquanto fator determinante para a mobilização discente no âmbito das lutas ao evidenciarmos o papel social da mulher enquanto explorada na lógica capitalista. Para dar continuidade a investigação, partimos para a análise da participação dos professores em organizações sindicais:

Gráfico 2: Organização sindical



Fonte: *Observatório da Formação de Professores no Âmbito do Ensino de Arte*

No livro *O marxismo e os Sindicatos*, Agüena (2008) apresenta uma coletânea de contribuições marxistas para pensar o sindicato, sobretudo sua função na sociedade capitalista. Sobre as associações sindicais na perspectiva marxista: “Ao estudá-la, Engels passa a considerá-las verdadeiros centros de organização, onde a classe operária agrupava as suas forças para, então receber a primeira educação de classe” (AGUENA, 2008, p.11). Ao passo em que os sindicatos se constituem enquanto ferramenta de mobilização e luta frente aos abusos e retrocessos ao qual a classe trabalhadora sofre, fica evidenciado a desarticulação do trabalho docente à luta pelos direitos trabalhistas. Ainda que 41,8% dos entrevistados declararam estar filiados ao movimento sindical, a maioria, composta por 57% dos entrevistados, não é filiada.

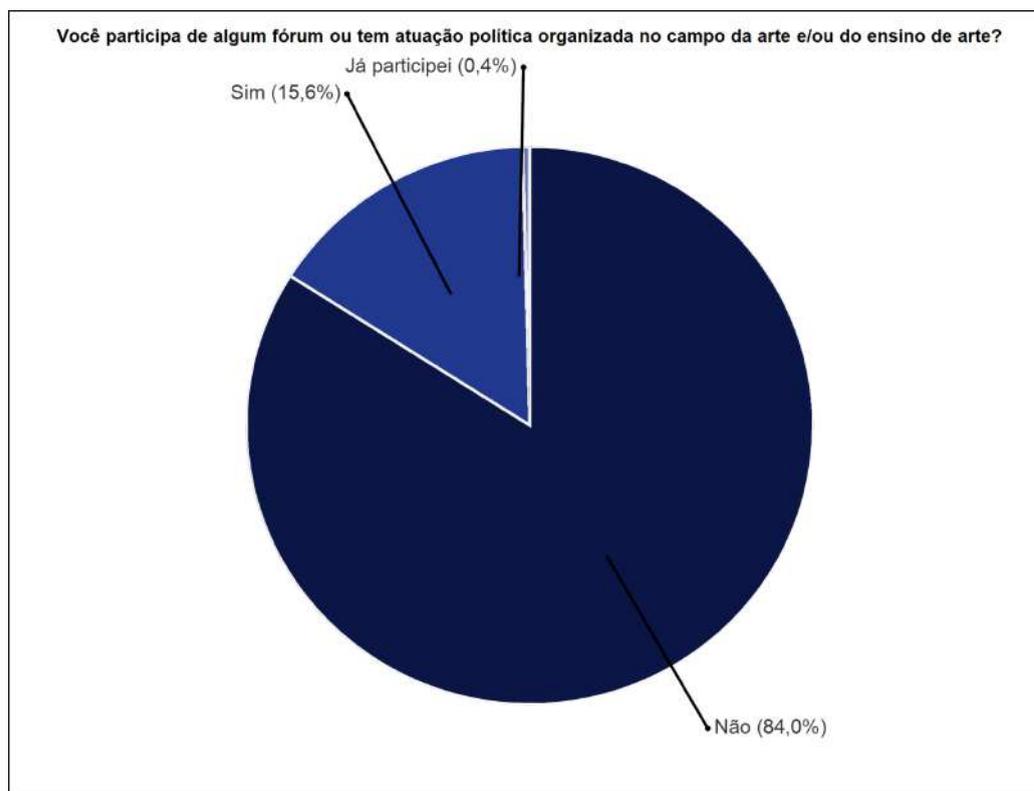
Para Marx os sindicatos e suas lutas - “Verdadeira guerra civil” - representavam uma fase muito importante na luta da classe operária pela sua libertação do jugo do capital, justamente porque através deles começava a se constituir como classe independente. Tinha, portanto, um enorme mérito de preparar os operários para a “grande batalha” e a “batalha futura”, ou seja, a batalha pela destruição do sistema capitalista, quando então passaria a ser uma classe para si. (AGUENA. 2008, p.13)

Compreendendo os esforços capitalistas em manter a lógica exploratória do trabalho, as organizações sindicais cumprem um papel fundamental para o enfrentamento a este sistema. Conforme a resolução da Associação Internacional dos Trabalhadores sobre os Sindicatos, do primeiro Congresso Internacional, elaborada por Marx em setembro de 1866, “Os sindicatos nasceram dos esforços espontâneos dos operários ao lutar contra as ordens despóticas do capital, para impedir ou ao menos atenuar os efeitos dessa concorrência, modificando os termos de contrato, de forma a se colocarem acima da contradição de simples escravos”. (I INTERNACIONAL, 2008, p.91)

O ato de filiar-se, além de garantir uma representação nas lutas diárias como as reivindicações por melhores salários e condições de trabalho, é um ato de resistência ao passo em que a filiação garante a manutenção deste espaço tão caro e tão atacado nos dias atuais. Vemos diariamente as iniciativas da classe hegemônica em desqualificar o trabalho docente, seja na criação de propostas curriculares descompromissadas com o ato de ensinar, seja pelas perseguições e ameaças em decorrência da propagação do discurso de ódio e de *fake news* que atribuem ao professor um papel de doutrinador. Não podemos desconsiderar que nestes 4 anos de governo de extrema direita no Brasil acendeu um movimento de perseguição e criminalização das lutas sociais (ESQUERDAONLINE, 2019) e que só foi barrada pela unidade da classe trabalhadora que diante de tantas investidas se manteve unida.

Em frente ao descaso em relação à participação dos professores de Artes nesse processo de fortalecimento das lutas sindicais é que enfatizamos mais do que nunca a importância da mobilização política enquanto instrumento revolucionário e o papel do ensino de arte enquanto fundamental para essas transformações. Partimos para o próximo gráfico que busca mapear a participação política dos professores de arte, na tentativa de compreender a desarticulação docente frente às questões políticas:

Gráfico 3: Atuação política



Fonte: *Observatório da Formação de Professores no Âmbito do Ensino de Arte*

Os dados explicitados no gráfico 3 denunciam a indisposição ou a incredulidade dos entrevistados em relação à política. Demonstra, inclusive, a desarticulação da prática docente e artística da prática política, como se estas pudessem ser desvinculadas. Enquanto 0,4% dos participantes diz já ter participado, a maioria esmagadora que compõe 84% dos participantes afirma não ter uma atuação política organizada no campo da arte e/ou ensino de arte. Esta síntese nos leva à pergunta: qual é o compromisso político destes professores de artes, ao passo em que a maioria destes não assumem um papel de protagonismo das lutas de sua própria classe?

Afirmamos o papel do ensino de Arte enquanto meio para reais transformações sociais, enfatizamos o caráter reflexivo e dialógico desta área de conhecimento, de forma que o trabalho pedagógico esteja alinhado a uma política que busque a fomentação de uma nova forma social, em processo socialista, para o comunismo instaurado. Saviani (1999) pontua que a "contribuição será tanto mais eficaz quanto mais o professor for capaz de compreender os vínculos da sua prática com a prática social global." (SAVIANI, 1999, p. 89). Assumindo uma postura política para que a formação em artes desempenhe a função de superação do capitalismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“ para que a manhã, desde uma teia tênue,  
se vá tecendo, entre todos os galos.*

Cabe sinalizar que a luta dos docentes como proletariados nesse texto, não acontece apenas em momentos fatídicos como em frente a governos fascistas ou em greves para condições trabalhistas, mas também quando esse profissional se importa e reconhece a importância da próxima geração e a ela transmite o conhecimento acumulado historicamente pela humanidade, isso se dá através da incorporação da PHC em sua prática, dando ao dominado o que domina o dominante, a elite, fomentando possibilidades novas de vida, consciência e enfrentamentos.

Voltando ao poema inicial, no caso das artes *para que a manhã, se vá tecendo, entre todos os galos*, urge a organização de resistência em defesa do ensino de artes no currículo escolar com carga horária e organização compatíveis com as necessidades específicas da área de conhecimento. Mais do que isso, que seja respeitada a contratação de profissionais com formação específica em Artes e a estes seja oportunizada formação continuada em parceria com universidades públicas. Esta luta cabe não só aos pesquisadores e profissionais do ensino, mas também aos futuros professores de artes. A sublocação das artes na área de linguagens na BNCC e a não revogação da Reforma do Ensino Médio farão com que em um futuro próximo a necessidade de profissionais formados em licenciaturas das artes se tornem obsoletos.

Assim, a garantia de uma educação emancipadora e crítica, perpassa a organização de toda a sociedade. O trabalho desenvolvido por instituições como a Associação de Arte-Educadores de Santa Catarina (AAESC) que desde 1994 atua na defesa do ensino de artes em Santa Catarina e eventos como o Encontro Nacional de Licenciaturas, que reúne profissionais, estudantes e pesquisadores em defesa da reconstrução de políticas educacionais buscam a qualificação da formação docente são essenciais no processo de resistência.

Ressaltamos a importância da união da classe trabalhadora, articulada a movimentos sociais, na luta pela garantia e conquista de nossos direitos. Essa luta que é interseccionada pelo chão da sala de aula e nos asfaltos das ruas, ela se instaura como transformadora social conscientizando os jovens e dando a eles instrumentos frente aos cercamentos de classe e continua na luta organizada frente aos governos burgueses que desmantelam o serviço público.

## REFERÊNCIAS

I INTERNACIONAL. **Resolução da associação internacional dos trabalhadores sobre o sindicatos.** AGUENA, P. (org) **O Marxismo e Os Sindicatos.** Editora José Luís e Rosa Sundermann. São Paulo, 2008.

AGUENA, P. (org) **O Marxismo e Os Sindicatos.** Editora José Luís e Rosa Sundermann. São Paulo, 2008.

DUARTE, N.; MAZZEU, F. J. C.; DUARTE, E. C. M. **O senso comum neoliberal obscurantista e seus impactos na educação brasileira.** Revista on-line de Política e Gestão Educacional, Araraquara, v. 24, n. esp1, p. 715–736, 2020. DOI: 10.22633/rpge.v24iesp1.13786. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/13786>. Acesso em: 10 jul. 2023.

DUARTE, N. **Vigotsky e o “aprender a aprender”:** crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. -5 ed. rev. - Campinas, SP; Autores Associados, 2011.

ESQUERDA ONLINE. **Com Independência e Luta, a Classe Trabalhadora Resiste! Contribuição do Coletivo Resistência Sintrase.** 2023. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2023/08/09/com-independencia-e-luta-a-classe-trabalhadora-resiste-contribuicao-do-coletivo-resistencia-sintrase/>. Acesso em: 30/09/2023.

\_\_\_\_\_. **Movimentos sociais e sindicatos na mira do governo Bolsonaro.** 2019. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2019/01/02/movimentos-sociais-e-sindicatos-na-mira-do-governo-bolsonaro/>. Acesso em: 15/09/2023.

**MARX, K; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. Porto Alegre: L & PM, 2006.**

FONSECA DA SILVA, Maria Cristina Da Rosa; FERNANDES, Vera Lúcia Penzo . **Observatório da Formação de Professores de Artes Visuais: um estudo da materialidade das condições de trabalho do professor de Arte no Brasil.** PALÍNDROMO (ONLINE), v. 14, p. 13-29, 2022.

FONSECA DA SILVA, Maria. Cristina da. Rosa.; OLIVEIRA, Vinicius . Luge. ; PERINI, Janine. Alessandra. . **Professores de Artes Visuais e a Pandemia da Covid-19.** MOMENTO - DIÁLOGOS EM EDUCAÇÃO, v. 30, p. 99-122, 2021.

SAVIANI, D. **Conhecimento escolar e luta de classes: a pedagogia histórico-crítica contra a barbárie.** Demerval Saviani/Newton Duarte - 1 ed. - Campinas, SP: Autores Associados, 2021.

\_\_\_\_\_. **Educação: do senso comum à consciência filosófica.** São Paulo, SP: Cortez Editora: Autores Associados, 1989.

\_\_\_\_\_. D., Duarte, N.. **Pedagogia Histórico-Crítica e Luta De Classes na Educação Escolar.** Demerval Saviani/Newton Duarte - Campinas, SP: Autores Associados, 2012.